



I CONCURSO LITERÁRIO NEABI – IFSP

O 1º Concurso Literário do NEABI – IFSP (Edital Nº 725/2016) teve como objetivo promover e estimular a leitura, produção e difusão de textos literários produzidos por alunos e servidores do IFSP autodeclarados negros ou indígenas, de modo a ampliar, de forma afirmativa, a visibilidade de seus discursos no espaço social e no meio literário.

Participaram do 1º Concurso Literário do NEABI – IFSP estudantes e servidores autodeclarados negros ou indígenas do IFSP. O concurso visou apontar para questões de percepção identitária, sendo assim, as duas possibilidades temáticas foram: “Ser negra/negro hoje” ou “Ser indígena hoje”.

Neste documento, apresentamos os vencedores do concurso, seus textos e o registro da premiação dos mesmos no III Congresso de Extensão e III Mostra de Arte e Cultura.



VITÓRIA BEATRIZ INÁCIO MATIOLI

Estudante do Câmpus Votuporanga



VOZES DA LIBERTAÇÃO

Sou almirante, sou negro almirante
Sou marca de dor
Sou corrente quebrada, liberto eu sou
Sou fruto de sonho, sou herói da luta, cor e amor.

Sou pequena Bridges coragem é meu nome
Sou o grito pela educação
Sou a igualdade de raças
Sou o sonho que nos consome

Sou pastor, sou a voz da nação
Sou Martin Luther King
Sou cinzas da escravidão

Sou grito agonizante,
que transforma-se em riso
Sou dança, capoeira, que se transforma em manifesto
Sou morena, menina, pequena, que vence as barreiras
Eu sou negra!

WILLIAN FERREIRA DOS SANTOS

Estudante do Campus Sertãozinho



UM SONHO POSSÍVEL?

— Pai, por que você é negro e a mãe é branca? O pai do meu amigo é branco e a mãe dele é negra, ela é sua irmã?

— Não, ela não é minha irmã não, filho.

— Pai, por que é difícil de se ver casais de brancos e negros?

— Meu filho, vou te contar essa história do começo. Antes, no Brasil, era assim: negros só conviviam com negros, eles eram escravos. Tinham que fazer tudo o que os brancos pediam. Em troca de trabalho era oferecido a eles comida e abrigo, nada além disso, foi assim até o ano de 1988. Quando a liberdade foi declarada no Brasil, surgiu um novo começo. Em vez de trocar trabalho por comida, veio o pagamento e o negro poderia trabalhar e comprar seu terreno próprio, construir uma casa para morar, deixar um quintal para plantar... Mas mesmo assim, a escola onde você estuda, o negro não podia frequentar.

— Não sabiam ler e escrever, pai?

— Não, essa foi uma conquista de um tempo pra cá. Filho, da época de que o pai vem, ainda existia um pouco de preconceito. O negro não podia ter um carro do ano e nem ser aquele que fornece emprego; nos presídios, a maioria ainda era de negros. Hoje, na sua época, tudo é diferente. Hoje o povo quer ver um bom espetáculo, um bom show de um artista, a plateia que aprova é mestiça. O funcionário que vai ser promovido é aquele que melhor se destacar. A cor da pele é o que menos importa. Filho, o que você quer ser quando crescer?

— Quero ser cantor como você, pai.

— Para ser um bom cantor, você terá que dar o melhor de si. A cor da sua pele não influenciará na sua profissão.

— Pai, obrigado pela história! Nunca imaginei que no passado fosse assim. Na sala onde estudo é uma mistura de cores, minha professora de matemática é branca e a de português é negra, nós nos damos muito bem. Boa noite, pai, vou dormir que amanhã preciso estudar.

— Boa noite, filho.

Acordei.

JOYCE HELENA FERREIRA DOS SANTOS

Servidora do Campus Birigui



O NEGRO DE HOJE

O negro Caio nasceu em maio
Num hospital com seu pai e sua mãe
Mas, não foi assim que muita gente
Do seu povo nasceu...
Muitos nasceram em senzalas
Assim, nasceu tia Ismália
Que guarda sua história
Não com muitas glórias
Mas tem na memória, fatos
Que conta ao seu bisneto Caio
Ela diz: "Fio", nosso povo
Foi arrancado da África
Pai, mãe, filho e irmãos foram separados
Muita gente se perdeu, foram parar em terras diferentes
Cada um agora servia um sinhô, uma sinhá e um sinhozinho
Trabalhavam sol a sol
Sempre acreditando que a liberdade nasceria
Enfim, esse dia chegou: antes escravo, agora livre
E tia Ismália pode olhar o sol, o céu, o mar
Hoje o negro tem esperança e
Como uma criança: sonha, brinca e ri
Tem dignidade, não importa a idade
Negro, hoje estuda, ama tem família unida
Negro é música, é ginga, tem profissão
Negro é aquilo que deseja ser
Negro seja nos esportes, nas letras ou nas artes
Só clama igualdade. Negro quer ser aceito
Quer ser irmão de todos
Quer com a ciência, poesia e tecnologia
Construir uma nação multicolorida em que
Branços, negros e índios formam assim uma aquarela
Chamada Brasil

MICHELE PEREIRA DE FARIA

Servidora do Campus Capivari



EU, MULHER, NEGRA, DA PELE COR DE TERRA

Eu, mulher, negra...

Da pele cor de terra

Igual à que tu pisas

Será este o motivo de ser pisada?! E então?

Da mesma forma, este chão é o que te sustenta

Reconhece-lhe o valor?

Tanto se avançou...

Planejam excursões ao espaço

Só não aprenderam que cor de pele é apenas estética

E a evolução?! Infelizmente é limitada...

Em meio a tanto progresso

Persiste a memória retrógrada

(E o comportamento...)

De um passado de dor

Do qual resgato minhas origens

Sou mulher negra, sim senhor!

Com orgulho, assumo e clamo:

Gritai mulheres negras!

Mostrem que em nosso sangue hoje corre força

Em vez de resignação

Façam ecoar o som da indignação!

Lutai por igualdade... Equiparação!

Porque é de dentro que se deve iniciar a revolução!

A PREMIAÇÃO

No dia 09/11 de 2016, durante o III CEMAC, foi realizado o reconhecimento e premiação dos vencedores do Concurso Literário. Todos os contemplados receberam uma coleção de livros cedido pela FTD. Membros do NEABI participaram da cerimônia. Registramos também a presença dos professores que acompanharam os alunos na organização e submissão dos textos. A Pró-reitoria de Extensão foi responsável por subsidiar a ida dos vencedores ao evento, na ocasião o pró-reitor de Extensão também prestigiou a premiação.

